

# A psicosexualidade<sup>1</sup> de Freud *in statu nascendi* – do inconsciente ao Inconsciente

Guilherme Fontenelle Ambros<sup>2</sup>

*“You’re going to need a stronger stomach if you’re going to be  
back in the kitchen seeing how the sausage is made.”*

(Bertram Cooper, *Mad Men*)

*“Saiba que os poetas, como os cegos, podem ver na escuridão.”*

(Chico Buarque, *Choro Bandido*)

## CAPÍTULO I – EPÍLOGO

*“- I have to be leaving, but I won’t let that come between us. Okay?  
- Okay.”*

(Bob and Charlotte, *Lost in Translation*)

VIENA, julho de 1908:

“E, para quem se interessa pelo desenvolvimento que levou da catarse à psicanálise, não posso dar conselho melhor do que iniciar com os *Estudos sobre a histeria*, fazendo assim o caminho que eu próprio percorri.”<sup>3</sup>

---

1 A palavra “psicosexualidade” está dicionarizada com “ss”, de forma que sua grafia com “s” neste escrito nada tem a ver com o dicionário ou com a ortografia oficial da Língua Portuguesa. As razões para esta escolha são algumas e enumerá-las deixaria esta nota de rodapé excessivamente longa. Não custa, entretanto, pontuar que o “s” que não se vê está mais para condensado com o “s” que se vê do que para suprimido.

2 Psicanalista, Membro Provisório do CEPdePA.

3 FREUD, 1908a, p.17, grifo do autor.

Com essa proposta, Sigmund Freud encerra seu prefácio à segunda edição do trabalho escrito em parceria com o médico vienense Josef Breuer, no qual ambos compilaram os resultados de mais de dez anos de observações clínicas no tratamento de sintomas histéricos. Culminou no lançamento da primeira edição a longa e frutífera jornada pessoal e profissional de seus autores, que ousaram explorar o método catártico para defender que as causas da histeria tinham raízes psíquicas. A receptividade de sua obra conjunta na esfera médica europeia foi morna. Os 800 exemplares impressos não foram totalmente vendidos e suas ideias receberam considerações que oscilaram entre indiferentes e desdenhosas. Àquela altura, morna também estava a relação de Sigmund e Josef. Muita coisa mudara desde 1893, ano de publicação da *Comunicação preliminar*, ensaio que abriria o livro – lançado em formato definitivo no mês de maio de 1895 – após ser rebatizado de *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* e complementado com os extensos relatos clínicos do famoso caso de Anna O., conduzido por Breuer de 1880 a 1882, e de outros quatro casos acompanhados por Freud entre 1889 e 1893.

Nos 15 anos que se seguiram, Breuer acompanhou à distância o acelerado ritmo com que seu parceiro extraiu conhecimentos sobre o psiquismo humano de sua clínica. Viu o método catártico ser aprofundado e revisado em pontos chave e dar origem ao que veio a ser nomeado, pela primeira vez em 1896, de psicanálise. Antes, amigos e colaboradores, mestre e discípulo, financiador e financiado, agora não mais. As descobertas do mais jovem, que o lançaram em direção à sexualidade como fator precípua na fonte das neuroses, arrefeceram seus ânimos. Seu prefácio à mesma segunda edição de *Estudos sobre a histeria* deixa claro que apenas um deles avança: “No que me toca, não me ocupei ativamente da matéria desde aquela época, não tenho participação em seu significativo desenvolvimento e não saberia acrescentar nada de novo àquilo apresentado em 1895.”<sup>4</sup> Prefácio único em 1895; prefácios separados em 1908. Posfácio da relação.

Nada tem de incompreensível sua relutância. Médico da mais ilibada reputação na Viena vitoriana, fora o responsável por plantar em seu aprendiz a semente do determinismo psíquico por trás das neuroses e até mesmo por tatear junto a ele pela ainda (mais) abstrata concepção de inconsciente em busca de sua origem.

---

4 BREUER, 1908, p. 16.

Entretanto, falamos agora de uma época em que a histeria era marginalizada pela sociedade médica. Considerada um fingimento de mulheres desejosas de atenção, era tida como completa perda de tempo e indigna da atenção de estudiosos sérios. Ao que parece, seu fôlego para combater a desconfiança de seus pares não acompanhava o de Freud. Lendo Ernst Kris (1954), chega-nos uma carta de Josef a Wilhelm Fliess, colega em comum, em que diz se sentir uma galinha perseguindo um falcão quando compara seu intelecto ao de seu admirável parceiro. Não tinha asas para sobrevoar a espinhenta floresta da psicosexualidade. Além disso, o eminente doutor vinha de uma experiência atormentadora com sua paciente Bertha Pappenheim, o que inquestionavelmente pesou em seu afastamento. A dor e a delícia da, então inexplorada, transferência.

O falcão, por sua vez, dava rasantes. Já em setembro de 1893, sentia-se pouco amparado em seu ímpeto investigativo e em sua evolução profissional, como deixou claro nessa mensagem enviada ao mesmo Wilhelm, seu habitual correspondente e futura paixão:

Breuer é um obstáculo a meu progresso profissional em Viena. Domina precisamente os círculos com que eu havia contado. Sua amizade por mim, da qual deu provas indubitáveis, manifesta-se muito menos do que eu esperaria na “preparação do terreno” para minha clínica.<sup>5</sup>

Para quem se anima a seguir o conselho do prefácio, esse momento é crucial. É marcante a relação dos ciclos dos relacionamentos de amor e ódio que Freud teve ao longo de sua vida com a evolução de sua obra. De todas, tão parecidas, a transição de Breuer a Fliess é a mais importante. Com Josef, ficou para trás o método catártico. Com Wilhelm, veio à baila a associação livre, que traria todo o resto em seu arrasto. O susto de seu coautor com Bertha não fora um caso isolado, Sigmund agora sabia, para além de qualquer questionamento: a relação de quem se submetia a seus métodos com quem os empregava tinha algo de inexplicavelmente poderoso. E de erótico. Fascinante e assustador - que combinação. Já sabia

---

5 MASSON, 1986, p. 56.

mais: a hipnose utilizada nas pretensas curas catárticas impedia esse fenômeno de se manifestar em todo o seu esplendor. Quando pediu a Elisabeth von R. que, livre dela, se concentrasse em busca das primeiras lembranças acerca do surgimento do sintoma que buscavam curar juntos, pôde ver com maior clareza a dificuldade que entrar em contato com essas memórias representava para quem sofria. Inocentemente, chegou a cogitar que seu encorajamento e seu polegar seriam suficientes para superar essa censura advinda não sabia de onde. Não eram. Elisabeth queria falar sobre o que ela queria falar. Felizmente, estava diante de um homem com coragem para escutá-la. Afinal, o que tinha para dizer não era qualquer coisa. Seu médico já não dava rasantes, agora flutuava.

## CAPÍTULO II – A PECULIAR TUTELAGEM DE CHARCOT

*“Só falta abandonar a velha escola”*

(Caetano Veloso, O Último Romântico)

PARIS, novembro de 1885:

“[...] acho que estou mudando muito. Vou dizer-lhe em detalhes o que está me afetando. Charcot, que é um dos maiores médicos e um homem cujo senso comum beira o genial, está simplesmente abalando minhas metas e opiniões.”<sup>6</sup>

A distância entre Paris e Wandsbek não privava Martha Bernays de receber notícias sobre a ansiada jornada de seu noivo por terras francesas. Logo no primeiro dos cinco meses que passaria no *Salpêtrière*, o “mestre dos mestres” já causara nele esse profundo desassossego. Embora ainda não soubesse, o que veria por lá acabaria por torná-lo analista. Após se impressionar com o que ouvira acerca dos resultados obtidos com o método catártico no tratamento de Bertha, algo já não caía mais tão bem em seus estudos sobre fisiologia sob a tutela de Theodore Meynert, ainda que por ali houvesse uma pitada de psicologia. Freud chegou à cidade luz em outubro de 1885, premiado pela faculdade de medicina de Viena com uma bolsa de estudos que objetivava o aprofundamento de seus estudos em neuropatologia. O objetivo não seria alcançado.

---

6 FREUD, 1885, p. 184-185, tradução nossa.

Em seu *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim*, que concluiu em 22 de abril de 1886, ele detalha sua vivência no maior hospital psiquiátrico da França, que ensejou um pequeno, mas de amplo impacto, ajuste de rota em sua trajetória teórico-clínica. Seu romântico relato contrasta um tanto com o apresentado por Georges Didi-Huberman (2003, p. XI), em sua instigante obra fotográfica sobre a corte de Charcot chamada *Invention of hysteria*, em que define o local como “[...] uma espécie de inferno feminino; [...] um pesadelo no meio da *Belle Époque* parisiense.”. O bolsista, por outro lado, menciona apenas sua admiração pela forma como Jean-Martin conduzia suas *consultation externe* – exibições quase circenses de suas habilidades diagnósticas, em que hipnotizava e entrevistava, pela primeira vez, internas eleitas por seus discípulos, geralmente histéricas ou neurastênicas, diante de um anfiteatro lotado de devotos:

Tive, assim, a oportunidade de ver um grande número de pacientes, de examiná-los e de ouvir a opinião de Charcot a respeito deles. O que me parece ter tido maior valor do que essa efetiva aquisição de experiência foi, no entanto, o estímulo que recebi, durante os cinco meses que passei em Paris, do meu constante contato científico e pessoal com o Professor Charcot.<sup>7</sup>

Ainda que os métodos do regente possam causar algum estranhamento nos dias de hoje, seu brilhantismo parece mesmo atemporal. Num breve devaneio, a passagem acima permite até brincar com a possibilidade de ele ter sido o primeiro supervisor da história do tripé da formação analítica. Seja como for, se Breuer plantou a semente do determinismo psíquico por trás das neuroses em Freud, foi o francês o responsável por fazê-la florescer. No *Salpêtrière*, ele se afastou de vez da neuropatologia e voltou seu foco inteiramente para a psicopatologia. Fez bom uso do que Rodrigué (1995, p. 223) definiu como o “[...] ‘tesouro’ praticamente inesgotável de ‘desviações’ humanas.” que povoava o hospício, na carona de um excepcional e apaixonado estudioso, tão empírico quanto ele. No obituário *Charcot*, que escreveu por ocasião do falecimento de seu anfitrião, em agosto de

7 FREUD, 1956 [1886], p. 43.

1893, lembrou de uma frase que ouviu do antigo mestre e que se tornou uma de suas citações favoritas: “*La théorie, c’est bon, mais ça n’empêche pas d’exister.*”<sup>8</sup>. Atemporal, de fato.

As leituras dos escritos que versam sobre esse intercâmbio possibilitam afirmar que foi aí que se assentaram as bases que lhe dariam a firmeza para enfrentar a incerteza e os pesados questionamentos que passaria a receber quando mergulhasse de vez em suas psicanálises e iniciasse a calorosa e penosa defesa de suas polêmicas teorias. A paixão com que seu guru se atirava à pesquisa clínica não só o inspirou, mas também viabilizou o reconhecimento dos sintomas neuróticos como verdadeiros, dando azo ao balanço que o faria jamais tombar. Jean-Martin Charcot comprovou a ocorrência da histeria em homens, desvinculando-a de qualquer conexão com o sistema genital feminino e tipificando-a como um quadro clínico bem definido, o que tornou reconhecido seu estudo por onde antes era alvo de chacota e desconfiança – informação corroborada na primeira publicação freudiana sobre o tema, de 1888: o verbete *Hysteria*, incluído na enciclopédia de Villaret. Comprovada sua origem psicogênica, ela poderia ser tratada através de palavras, pilhéria ainda maior à época. Para completar, os rituais espetaculosos que comandava tinham, quase invariavelmente, a sexualidade explícita de suas cobaias como protagonista. Que impressão deviam causar.

O convívio com Charcot parece ter tido para Freud o peso de uma experiência emocional. Transformadora e análoga a de seus tratamentos analíticos. Ele viu de bem perto a sexualidade crua das histéricas do *Salpêtrière*. Sentiu seu cheiro. Experimentou o choque de sua energia na própria pele. Estava marcado; não voltaria para Meynert. Sua bolsa de estudos foi um tiro que saiu pela culatra. Que bom. Imperativo também é pontuar as inevitáveis consequências dessas vivências em sua própria psicosexualidade, fonte inequivocamente irradiadora da evolução de seu conceito como o conhecemos. O fascínio parisiense gerou efeitos curiosos e ainda incompreendidos. Rodrigué (1995) volta a nos entreter, agora com a descrição do encantamento dele pela filha de seu tutor, parecidíssima fisicamente com o pai. Bissexualidade inata no ar, fresquinha no inconsciente de um de seus mais famosos difusores. Aqui se atravessam algumas breves pontuações, às quais passamos.

8 “A teoria é boa, mas não impede que os fatos existam.” (FREUD, 1893a, p. 23).

### CAPÍTULO III – AS ARREBATADORAS PAIXÕES DE SIGM

*“Summer romances end for all kinds of reasons.  
But, when all is said and done, they have one thing  
in common:  
they are shooting stars,  
a spectacular moment of light in the heavens,  
a fleeting glimpse of eternity  
and, in a flash, they are gone.”*

(Noah Calhoun, The Notebook)

WANDSBEK, junho de 1884:

“Eu estava tão infeliz que era como se toda a minha vida tivesse sido destruída.”<sup>9</sup>

Na Alemanha, pra onde precisara voltar com sua família pouco depois de conhecer seu futuro marido, Martha recebia a exagerada mensagem dele, frustrado pelo imprevisto profissional que, de última hora, o impediria de viajar a seu encontro. Separados por quase mil quilômetros, o casal aplacava a saudade através da frequente correspondência amorosa. De junho de 1883 a setembro de 1886, quando Freud enfim abriu seu consultório particular e reuniu as condições financeiras para consumir o casamento e viabilizar o retorno de sua amada a Viena, o total de cartas passou de 900. Em *Freud: the mind of the moralist*, obra em que explora também a relação de Martha e Sigmund, Philip Rieff (1959) reivindica a este um lugar entre os maiores escritores de cartas da humanidade ao defender que grandes textos de amor são sempre escritos por grandes personalidades e que o jovem, apaixonado por sua futura esposa, já demonstrava seu brilhantismo e profundidade através dos seus desde então.

Sigmund Freud foi um homem intenso em suas paixões. Mergulhava de cabeça em seus projetos e dedicava-se com todo o coração a seus amores – pessoais ou profissionais. Outra passagem bonita da obra de Rodrigué (1995, p. 161) assevera que: “[...] as cartas [à Martha] podem ser vistas como uma profunda incursão no diálogo de amor, matéria-prima da psicanálise, iniciando um certo

9 FREUD, 1884, p. 117, tradução nossa.

tipo de reflexão rumo à auto-análise, à posterior correspondência com Fliess e à descoberta do poder da associação livre.”.

Como foi explorado com mais detalhes no breve ensaio *Os atos da princesa*<sup>10</sup>, quando Marie Bonaparte se dedicou à preservação dos manuscritos que Freud enviou a Fliess, brindou os estudiosos da psicanálise com uma oportunidade única. Ela viabilizou uma visão ímpar da intimidade de seu criador durante os anos em que ele se debruçou com todas as suas energias sobre o novo campo de conhecimento que se delineava a sua frente. Nos documentos revelados em 1950, publicados em alemão e editados por ela, por Anna Freud e por Ernst Kris, descobrimos um Freud isolado, reagindo com mais e menos graça ao ambiente hostil da comunidade científica de seu tempo frente a suas disruptivas ideias - a atuação de Montgomery Clift, em 1962, no filme *Freud além da alma*, dá uma parca noção em imagens do escárnio com que ele era tratado quando tentava convencer seus colegas médicos delas. Também enfrentava sem esmorecer o baixo movimento de seu consultório, o que o colocava em constante embate com a pobreza junto de sua parceira de vida e de seus seis filhos. As 272 cartas abarcam o período de 1887 a 1904, dos 31 aos 48 anos do então neurologista, desde o início de sua prática como especialista em doenças nervosas até a fase de estudos que culminou na publicação dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em 1905.

A amizade com Wilhelm foi, sem questionamento, a mais intensa de sua vida, e seu peso histórico provém da direta relação que teve com os descobrimentos de sua teoria, o desenrolar de sua prática focada no funcionamento da psique humana e o desenvolvimento de sua corajosa concepção de psicosexualidade, que tanta desacomodação causou. O relacionamento e a psicanálise evoluíram juntos: *Estudos sobre a histeria* (1895), *O projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]), *A interpretação dos sonhos* (1900), *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901), e o caso de *Dora* (1905 [1901]), lembra-nos Jean-Michel Quinodoz (2007), são todos textos provenientes dessa época.

Assim como ele, seu novo amigo estava em um período intelectualmente frutífero. Embora tivesse um próspero consultório em Berlim, onde atuava como otorrinolaringologista, seus interesses contemplavam também o combate de sin-

---

<sup>10</sup> AMBROS, 2019.



tomas físicos mais amplos – como dores na cabeça, nas costas e em órgãos internos – mediante a aplicação da cocaína na mucosa nasal. Com seus supostos resultados, passou a defender a existência do que chamou de “neurose reflexa nasal”, posteriormente desenvolvida a ponto de conceber uma relação entre o nariz e a sexualidade feminina. Foram esses estudos que levaram a sua conhecida, mas não reconhecida, Teoria dos Períodos. Quando encontrou seu futuro confidente, suas obras ainda estavam longe de serem concluídas (acabariam rejeitadas pela comunidade científica em geral), mas Kris (1954), Schur (1981), Masson (1986), Gay (2012), Jones (1989), Rodrigué (1995) e Quinodoz (2007) são unânimes em defini-lo como alguém inclinado a pensar de forma audaciosa e a defender seus pontos de vista apaixonada e, por vezes, illogicamente. Tudo que seu Sigm, contaminado pela mesma avidez, precisava em um correspondente naquele momento.

Dizer que na relação houve investimento homossexual define o sexo de seu objeto, mas não descreve sua natureza. A leitura do livro editado por Masson (1986) que desvela, pela primeira vez sem trechos omitidos, o amor entre os dois é como a de um romance. É como estar no cinema. Mas é também, na definição de Kris (1954), como ouvir alguém falando ao telefone – sem as réplicas ainda não encontradas de Wilhelm, só temos notícia de um dos lados e cabe a cada um fantasiar acerca do teor do outro. Certo é que aí está mais um disparador das muitas versões existentes acerca do desenvolvimento, do caráter, da profundidade e do rompimento da relação de ambos.

As amizades masculinas sempre foram importantes na vida de Freud. Seu primeiro amor – Gisela, aos 16 anos – coincide com o surgimento de um dos primeiros desses intensos relacionamentos. Rodrigué (1995), para variar, conta-nos que Freud fundou uma sociedade secreta com seu colega romeno Eduard Silbertstein, chamada de Academia Espanhola. O clube de dois tinha selo e código secreto, é claro, e teria sido criado para o estudo do espanhol e, é mais claro ainda, para falar de mulheres. Como não poderia ser diferente, durante dez anos (de 1871 a 1881), os associados corresponderam-se longamente. Inevitável notar neste trecho de uma das cartas, aqui traduzido livremente da coletânea *The letters of Sigmund Freud to Eduard Silberstein*, a intensidade que tanto se repetiria: “Acredito que nunca mais nos separaremos; apesar de termos nos tornado amigos

por livre escolha, estamos unidos um ao outro como se a natureza nos tivesse colocado nesta terra como parentes de sangue.”<sup>11</sup>. Repetido também seria o desfecho da relação: afastamento súbito, motivação indefinida, feridas abertas. Silbertstein, Breuer, Fliess, Jung, Ferenczi. Para citar alguns.

Foi Fliess que chegou até Freud. Residindo na Alemanha, mas imerso em seus estudos, ele passou três meses em Viena no outono de 1887 e foi aconselhado por Breuer a acompanhar as aulas do neurologista sobre o funcionamento do sistema nervoso. Wilhelm entrou como um vendaval na vida de Sigmund. A libido deste, de prontidão, se enlaça de imediato. Encantado, escreveu em 1887, logo que se conheceram:

Prezado amigo e colega, sua carta cordial e seu magnífico presente despertaram em mim as mais prazerosas recordações, e o sentimento que vislumbro por trás desses dois presentes de Natal enche-me de expectativas de um relacionamento estimulante e mutuamente satisfatório entre nós no futuro. Ainda não sei dizer como foi que o cativei, [...] Mas estou muito contente com isso. [...] Ocasionalmente, ouço falar no Sr. – basicamente coisas maravilhosas, é claro. [...] quando tiver algum tempo livre e uma razão para isso, pense no fielmente dedicado, Dr. Sigm. Freud.<sup>12</sup>

Nos anos vindouros, tudo seria Fliess. O que começou como uma transferência profissional entre dois jovens pesquisadores evoluiu, a partir de 1893, para uma constante troca de ideias entre dois homens, tudo leva a crer, mutuamente atraídos. Coincidência do amor ou obra do inconsciente (quem pode diferenciar?), o alemão acabou se casando com a vienense Ida Bondy, o que lhe dava motivos para visitas frequentes à Áustria. Conforme o teor da correspondência intensificava-se, relata Ernest Jones (1989), os dois constantemente indicavam leituras entre si, com muitos interesses em comum, faziam referências à literatura clássica e moderna, o que acabou por dar um tom bastante próprio e íntimo à comunicação. Shakespeare dominava as citações. Eles conectaram-se em momen-

---

11 FREUD, 1875, p. 126, tradução nossa.

12 MASSON, 1986, p. 15-17.

tos de vida similares, quando estavam tentando descobrir quem queriam ser. Para completar, quando embarcou em sua jornada rumo à psicanálise, Freud precisou queimar pontes atrás de si. O momento era de turbilhão emocional: ao optar por uma clínica baseada exclusivamente em seu novo método, ele estava não só arriscando sua reputação e seu futuro profissional, mas também se expondo a riscos financeiros consideráveis. O caldeirão identificatório com Fliess ainda contava com peculiaridades quase cômicas: ambos de idade próxima e origem judaica, tinham pais com o mesmo nome – Jacob – e estavam em fases de vida muito convergentes, tanto profissional quanto amorosamente. Nesse cenário, as alusões de um a outro eram quase diárias. Logo iniciaram seus encontros particulares, denominados por Freud de “congressos” - com plateia de um homem só. Era do que dispunha para expor suas ideias o futuro psicanalista nesse momento profissional solitário e penoso. Os preparativos para essas ocasiões eram longos e a expectativa alta. Muitas passagens das cartas disparadas nesse período ilustram a dependência desses espaços que os avanços teóricos freudianos passaram a ter. Um único exemplo deve bastar. Neste trecho de 1898, ele lamenta que o congresso previsto precisara ser cancelado por questões familiares de ambos:

Que Páscoa lastimável! [...] Após cada um de nossos congressos, sinto-me revigorado por semanas a fio, as idéias vão-se apinhando em mim, o gosto pelo trabalho árduo se restabelece e a trêmula chama da esperança de que seja possível encontrar o caminho pelo matagal arde serena e radiante por algum tempo. Instrutiva é que não me é esta privação; eu sempre soube o que nossos encontros significam para mim.<sup>13</sup>

É de se supor que seria foco da atenção desses estudiosos a informação, encontrada no bem-humorado livro ilustrado *Sigmund Freud*, de Ralph Steadman (2007, p. 42), de que, em idiomas de origem germânica - como o alemão e o inglês -, *congresso* é “[...] um eufemismo, comumente usado na virada do século, que significa relação sexual.”.

<sup>13</sup> Ibid., p. 307.

Além do tom notadamente dramático da passagem, que, a essa altura, já nem surpreende, dois outros pontos chamam a atenção: primeiro, a similaridade com que Freud reage à impossibilidade dos encontros com Martha, em 1884, e com Fliess, 14 anos depois, e, segundo, a idealização adolescente que faz deste. Remete ao fascínio quase hipnótico de Bentinho diante dos “olhos de ressaca”<sup>14</sup> de sua Capitu. Como se vê, a conjunção de momentos e as características pessoais do berlinense fizeram dele um prato cheio para a ávida libido narcísica de Freud. Disponível para dar os honestos retornos que lhe eram solicitados acerca dos pensamentos que ebulliam na mente e na vida de seu correspondente, era o Outro dos sonhos. Peter Gay (2012, p. 74), cirúrgico, definiu a relação como regida por uma “cegueira voluntária” por parte de Freud. Pela beleza psicanalítica, vale o chiste: falamos agora brevemente dos anos de 1893 a 1895, quando Freud padecia de sintomas físicos diversos – a correspondência expõe aí as longas trocas em busca do diagnóstico e as recomendações do otorrino para que seu paciente se livrasse do vício em charutos. Até mais do que o apertado coração, que sofria com o que Breuer suspeitava ser uma nunca confirmada miocardite, os sintomas que mais impactavam na rotina intensa do pai da psicanálise eram... em seu nariz. Convenientemente, a especialidade e o órgão central nos estudos e teorias fliessianas. Neurose reflexa nasal. Uma conversão no ápice do amor, vejam só. De sua fantasiosa idealização, de sua intensidade neurótica, de sua bissexualidade experienciada, dos recônditos de seu inconsciente, pulsava sua psicosexualidade. Teorizada a partir de si.

#### CAPÍTULO IV – ERA UMA VEZ...

*“Yeah, you really got me now  
You got me so I don’t know what I’m doin’ now  
You got me so I can’t sleep at night”*

(The Kinks, You Really Got Me)

*RASCUNHO B*, fevereiro de 1893:

“Pode-se tomar como fato reconhecido que a neurastenia é uma consequência frequente da vida sexual anormal. Contudo, a afirmação que desejo fazer e veri-

---

<sup>14</sup> ASSIS, 1997, p. 71.

ficar através de observações é que, a rigor, a neurastenia só pode ser uma neurose sexual.”<sup>15</sup>

Desconfiado e incerto, Freud passou a buscar a validação de seu confidente para suas incipientes concepções. O tom, como se vê, era uma mistura de convicção com falta dela. Sua experiência clínica, já focada com exclusividade nas psicopatologias, não lhe deixava mais tergiversar dos distúrbios de ordem sexual como fonte das neuroses que escutava. Principal motivo de seu afastamento de Breuer, essa inclinação agora norteava suas buscas. Conceituações de extrema relevância como a do recalçamento, a da pulsão, a do princípio da constância, as de seus modelos de aparelho psíquico e até mesmo a da transferência, a do inconsciente e as das concepções técnicas de seu método encontrarão suas bases conforme sua formulação de psicosexualidade for ganhando corpo.

Não é apenas o lado enamorado de Freud que a nós chega de maneira sem par através de sua troca de cartas com Fliess. A leitura conjunta delas e dos primeiros artigos que passaram a explorar a temática da psicosexualidade de maneira mais explícita após a decisão de publicar a *Comunicação preliminar* jogam luz solar na construção intermitente através da qual o conceito foi se consolidando em sua jornada até o lançamento dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Uma visão dos bastidores, pode-se dizer, que nos permite ver o mestre fazendo uso de sua própria regra fundamental futuramente formalizada, visto que o que se revela é uma verdadeira tempestade de ideias lançada ao papel, inquestionável forma de elaborar o material com que sua clínica agora bombardeava seus ouvidos.

Não foi fácil se desprender de seus grilhões médicos. Sempre impulsionado por embates internos (nos melhores cenários) com seus antigos mestres, o processo foi vagaroso. Esta passagem, escrita e enviada em agosto de 1888, deixa clara sua insatisfação com o *status quo* de seu ambiente de estudos. Aí demonstra todo o seu desconforto com Meynert, que acabara de apresentar um artigo sobre hipnose em uma reunião da Sociedade de Medicina de Viena, quando comenta que precisou replicar a este em seu prefácio à tradução do livro *De la suggestion*, de Hippolyte Bernheim, no corrente mês:

---

15 MASSON, 1986, p. 39.

Ao criticar Meynert, que, em seu costumeiro estilo despu- dorado-malicioso, falou abaladamente sobre um tema do qual nada sabe, tive que me conter, pois a atitude de todos os meus amigos assim o exigia. Mesmo assim, o que escrevi lhes parece arrojado. Mexi num ninho de vespas.<sup>16</sup>

Tampouco o que publicava sobre as neuroses lhe era satisfatório. Na sequên- cia, maldiz seus já mencionados verbetes publicados na enciclopédia de Villaret: “Minha parte no Villaret tornou-se menos longa [...]. O artigo sobre anatomia cerebral foi drasticamente reduzido; vários outros artigos ruins sobre neurologia não são de minha autoria! O valor científico de todo o volume não é muito gran- de.”<sup>17</sup>. Não sabia o quê, mas algo faltava.

Nem mesmo seus ídolos escapavam mais de sua rebeldia. No ano anterior, nas notas de rodapé que acrescentou, sem a autorização do autor, quando tra- duziu para o alemão as *Conferências de terça-feira* de Charcot, manifestou sua divergência da tese ali expressa de que a hereditariedade seria a causa verdadei- ra dos ataques de vertigem e de agorafobia de um paciente. Afirmou discordar da afirmação e apontou que, com frequência notável, as causas de tais sintomas sustentavam-se, na verdade, em anormalidades da vida sexual. Freud não cabia mais em si com essa história de sexualidade. Seu querido Wilhelm, é claro, ficava sabendo de tudo em primeira mão:

Nesse meio tempo, as coisas se tornaram mais animadoras. A questão sexual atrai as pessoas, que ficam inteiramente atônitas e depois se vão, convencidas, exclamando: “Nin- guém nunca me fez perguntas a esse respeito!” A coisa está ficando cada vez mais complicada, à medida que chegam confirmações. Ontem, por exemplo, examinei quatro casos novos cuja etiologia, conforme a cronologia, só pode ser o coito interrompido.<sup>18</sup>

---

16 Ibid., p. 24.

17 Ibid., p. 24.

18 Ibid., p. 57.

Atenção: este excerto é de outubro de 1893, o que significa que a *Comunicação preliminar* fora lançada havia nove meses. A partir daí, os escritos saltam em intensidade e polêmica. Até janeiro desse mesmo ano, quando proferiu a conferência (homônima ao primeiro capítulo de *Estudos sobre a histeria*) *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* no Clube Médico de Viena, a teoria charcotiana do trauma ainda permeava sua fala. Após conseguir, enfim, abandoná-la, aparece formalizado pela primeira vez em sua obra o conceito de *defesa*, sobre o qual se apoiarão boa parte de suas construções subsequentes. Estamos no artigo *As neuropsicoses de defesa*, datado de “[...] fim de janeiro de 1894.”<sup>19</sup>. Aqui a teoria freudiana ganha corpo e as questões sexuais e a dificuldade em lidar com elas assumem os papéis de protagonistas. Já há psicosexualidade. É o que se conclui a partir de sua afirmação de que alguns de seus pacientes gozavam de uma vida normal até que:

[...] *houve uma ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa* – isto é, até que seu eu se confrontou com uma experiência, uma representação ou um sentimento que suscitaram um afeto tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo, pois não confiava em sua capacidade de resolver a contradição entre a representação incompatível e seu eu por meio da atividade de pensamento.<sup>20</sup>

Não tarda a aparecer a premissa de que a (psico)sexualidade é o fator que demanda essa defesa do eu – nesse ponto ainda assim, com letra minúscula, e equiparado ao que a consciência tinha irrestrito acesso. Além disso, apesar de a noção presente de *defesa* ser meramente a de um ato voluntário que objetiva afastar uma ideia incômoda do psiquismo, uma vez assentada a pedra da divisão da consciência, outras – como a do recalçamento, por exemplo – poderiam se alicerçar. Daqui partem também as tentativas de explicar o funcionamento do aparelho psíquico como um todo. Visitando as mensagens trocadas com Fliess entre abril de 1895 e janeiro de 1896, temos um breve resumo do ânimo – e posterior desânimo – que lhe causavam as pesquisas que acabariam culminando em seu malquisto rabisco, o

19 FREUD, 1894, p. 67.

20 Ibid., p. 55, grifo do autor.

hoje popular *Projeto para uma psicologia científica*. Os textos vão desde o anúncio de que estava virando madrugadas imerso nesse trabalho até as famosas declarações das cartas de 8 e de 29 de novembro de 1895, em que escreve que jogou os manuscritos sobre sua *psicologia* em uma gaveta, que não pretendia tirá-los de lá tão cedo, e que: “Não entendo mais o estado mental em que maquinei a psicologia; não consigo conceber como posso tê-lo infligido a você. Creio que você ainda está sendo polido demais; para mim, parece ter sido uma espécie de loucura.”<sup>21</sup>. O que parece terem sido respostas entusiasmadas com o conteúdo enviado não o convenceram a retomar seu *projeto*. Ainda assim, o princípio da constância, que guiava seus esforços, foi outro tijolo no alicerce da psicosexualidade em construção. Ele não viveria para ver o valor atribuído pelos futuros estudiosos de sua teoria a mais esta loucura. Nosso foco, no entanto, agora é outro.

Confirma-se, através da leitura de *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, de 1914, a impressão de que nosso autor já tinha registros inconscientes do impacto da sexualidade no psiquismo humano muito antes de começar a se deparar com ele em sua clínica. É desse texto que nos chegam os relatos das conversas informais que teve com Breuer, Charcot e Chrobak no início de sua trajetória, em que o tema e seus efeitos na ainda-não-apreendida homeostase psíquica foram pauta despercebida e que, segundo pensa: “[...] dormitaram em mim durante anos, até que um dia despertaram como um conhecimento aparentemente original.”<sup>22</sup>. Como estamos vendo, é indubitável que se agregaram aí as manifestações latentes de sua própria sexualidade, garimpadas de seu inconsciente mais tarde, dentro do resistencialmente possível, no período de sua autoanálise, que logo será abordada. Permeado por tudo isso, chegou ao que foi exposto ao fiel depositário de suas maquinações em estado nascente em mais um manuscrito, dessa vez postado no primeiro dia de 1896. O *Rascunho K*, subtítulo poeticamente de *Um conto de fadas natalino*<sup>23</sup>, continha as linhas gerais de sua famigerada Teoria da Sedução. Como quem não tem qualquer dúvida e, portanto, como quem ainda está escrevendo para consumo interno, ali expõe a inédita noção de que o que punha em ação o mecanismo de defesa era, em todos os casos, uma experiência sexual de caráter

---

21 MASSON, 1986, p. 153.

22 FREUD, 1914, p. 214.

23 MASSON, 1986, p. 163.



traumático em dois tempos: fato ocorrido antes da puberdade, significado como traumático depois dela. Divulgada à comunidade científica no artigo *Observações adicionais às neuropsicoses de defesa*, ainda em 1896, ela escandalizava ao afirmar que a histeria, a neurose obsessiva e outras afecções eram causadas, em última instância, pela sedução de um adulto durante a infância dos futuros enfermos, que teriam sido, então, todos abusados. Em sua letra: “[...] tais traumas sexuais devem ter ocorrido na tenra infância, antes da puberdade, e seu conteúdo deve consistir numa irritação real dos órgãos genitais (por processos semelhantes à copulação).”<sup>24</sup>. O trecho está assim mesmo no original, em itálico, como que para chocar, em tom de *coup de grâce*. Esses pontos de vista foram defendidos na conferência *A etiologia da histeria* frente à Associação Vienense de Psiquiatria e Neurologia, em 21 de abril do mesmo ano. Cinco dias depois, relatou revoltado a Fliess que recebeu uma “[...] recepção gélida por parte daqueles imbecis [...]” e que Richard von Krafft-Ebbing, que presidiu sua mesa, definiu sua obra como “[...] um conto de fadas científico.”<sup>25</sup>. Dessa vez, todavia, os imbecis estavam certos: ele estava errado. Ou, quem sabe, outra vez voluntariamente cego – às vezes ele precisava disso para conseguir ver melhor. Que importante mais esse inesquecível conto de fadas.

Ainda que o reconhecimento privado de seu equívoco não tenha tardado, o *mea culpa* público só seria detalhado anos depois. Até lá, ainda se utilizaria da sedução em suas publicações, inclusive no relato do famoso *Caso Dora*, que acompanhou em 1901 e que nomeou de *Análise fragmentária de uma histeria* quando o publicou em 1905. Então, em *Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses*, de 1906, está essa passagem que remete ao período que o induziu, na qual retifica suas impressões:

O material ainda escasso daquele tempo me trouxe um número desproporcionalmente grande de casos em que a sedução sexual por parte de um adulto ou de outras crianças maiores tinha relevante papel na infância do indivíduo. Superestimei a frequência desses acontecimentos (inquestionáveis, de resto), pois também não estava em condições,

24 FREUD, 1896b, p. 166, grifo do autor.

25 MASSON, 1986, p. 185.

naquela época, de discernir seguramente entre as enganosas recordações infantis dos histéricos e os traços dos eventos reais, e desde então aprendi a explicar muitas fantasias de sedução como tentativas de se defender da recordação da própria atividade sexual (masturbação infantil).<sup>26</sup>

De quase uma década antes, a célebre carta em que confessa a Fliess que não acredita mais em sua neurótica, enviada de Viena em 21 de setembro de 1897, é fascinante em toda a sua extensão. Diante da impossibilidade de transcrever esse documento na íntegra, resta recomendar sua leitura. Trata-se de outro momento histórico visto da coxia. O que se faz mister destacar aqui é o ponto de inflexão fundamental que suas confissões representam no desenvolvimento do conceito de psicosexualidade dentro de sua obra. Freud acreditava estar de volta à estaca zero, sem a menor ideia de onde se situava em sua busca pela etiologia das neuroses, descartada a sedução universal daqueles acometidos por elas. Perplexo, dava adeus à esperança de colher os frutos de sua gloriosa descoberta, agora descoberta infundada. Entretanto, um mínimo de atenção basta para pinçar do texto seus aprendizados recentes, que ele mesmo passaria a revisitar a partir de então. O mais fundamental parece ser este: “[...] não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto.”<sup>27</sup>. Essa sim seria sua porta de entrada para a fama eterna. Restava agora subir a escada em espiral por trás dela.

## CAPÍTULO V – “PEDE-SE QUE VOCÊ FECHE OS OLHOS”

*“Que parte de mim, que eu desconheço, é que me guia?”*

(Fernando Pessoa, ele mesmo)

AUSSEE, agosto de 1897:

“Depois de ter ficado animadíssimo por aqui, desfruto agora de uma fase de mau humor. O principal paciente a me preocupar sou eu mesmo. [...] A análise é mais

---

<sup>26</sup> FREUD, 1906, p. 353.

<sup>27</sup> MASSON, 1986, p. 265-266.

difícil do que qualquer outra. [...] Mesmo assim, creio que precisa ser feita [...]”<sup>28</sup>

De férias no interior da Áustria, Freud avizinhava-se, receoso, do que talvez tenha sido seu empreendimento mais extraordinário. A análise “mais difícil do que qualquer outra” não era outra que não a sua. Embora a data de seu início seja difícil de precisar, sabemos que não foi antes dessa carta postada em agosto de 1897, já que em novembro ressaltou em outra: “Antes da viagem de férias, eu lhe disse que o paciente mais importante para mim era eu mesmo; e então, de repente depois que voltei das férias, comecei minha auto-análise, da qual não havia nenhum sinal na época.”<sup>29</sup> Foi só então que mergulhou em sua muito conhecida, mas nem tão bem compreendida, autoanálise. Exceto por uma vírgula, não há o que acrescentar ao escrito traduzido de Peter Gay (2012, p. 113):

Freud no final dos anos 1890, submeteu-se a um escrutínio extremamente cuidadoso, um recenseamento meticuloso, aguçado e contínuo de suas lembranças fragmentárias, seus desejos e emoções ocultos. A partir de peças e pedaços torturantes, ele reconstruiu fragmentos de seus primeiros anos de vida sepultos, e com o auxílio de tais reconstruções extremamente pessoais, combinadas com sua experiência na clínica, procurou esboçar as linhas gerais da natureza humana. Não havia precedentes nem mestres para tal empreendimento, e ele teve que inventar as regras à medida que avançava.

Ainda assim, talvez caiba subir levemente o tom: como costuma acontecer, esse escrutínio de si mudou a vida desse homem. Se sua vida mudou o mundo, teria sua autoanálise o mérito maior por isso? Mesmo pondo de lado as hipérboles, é esse cometimento admirável que termina por fundar a psicanálise ao oportunizar sua expansão do conceito de sexualidade vigente e suas teorizações sobre o Inconsciente. Como também costuma acontecer, sua clínica e seu método alimentaram-se de seus afetos desencavados. As oscilações de seus estados de âni-

---

28 Ibid., p. 262.

29 Ibid., p. 280.

mo, que passaram a se alterar “[...] como as paisagens vistas de um trem por um viajante [...]”<sup>30</sup>, definiram a forma como sugeriu apresentar a regra fundamental aos analisandos iniciantes no artigo técnico *O início do tratamento*, de 1913: “Comporte-se, por exemplo, como um viajante que está sentado à janela do trem e descreve para seu vizinho, alojado no interior, como se transforma a vista ante seus olhos.”<sup>31</sup>.

No que diz respeito à evolução de suas publicações, os primeiros frutos desse processo começaram a surgir a partir do ano seguinte: *O mecanismo psíquico do esquecimento*, de 1898 – gérmen do capítulo de abertura de *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, publicado três anos depois –, e *Lembranças encobridoras*, do ano seguinte, representam a inauguração dos recortes autobiográficos como embasamento para questões do inconsciente na obra freudiana. Em relação ao segundo, mais celebrado, é quase dispensável mencionar que o “[...] homem de instrução universitária, com trinta e oito anos de idade.”<sup>32</sup>, personagem do relato que embasa boa parte do ensaio, é o próprio Freud, então com quarenta e três anos. Píffo disfarce. Menos píffos, entretanto, eram os disfarces do Inconsciente, que ele passava a explorar com a propriedade de quem seria quem é.

Inesgotável mina de celebração, a correspondência preservada é, no entanto, o real mirante para as descobertas desse período. Boa parte do que virou obra literária genial em *A interpretação dos sonhos* anos depois está em estado natural nessas cartas a seu amado. Cruzando esses materiais com o que foi publicado por seus biógrafos, tem-se uma visão esplêndida do processo de criação das teorias que tanto vêm fascinando o mundo desde então.

Como qualquer busca por escuta, a de Freud também adveio das dores de sua alma – irradiadas de sua própria psicosexualidade – e começou de forma gradual. A morte de seu pai, em 23 de outubro de 1896, deixou mais agudos seus sintomas neuróticos, dado que, como ele mesmo escreveu na carta do dia 2 de novembro: “[...] em meu íntimo, todo o passado foi reavivado por esse aconte-

---

30 Ibid., p. 275.

31 FREUD, 1913, p. 181.

32 FREUD, 1899, p. 294.

cimento.”<sup>33</sup>. Suas palavras finais no prefácio à segunda edição de *A interpretação dos sonhos*, de 1908, corroboram isso. Ali se lê que seu mergulho em si fora “[...] minha reação à morte do meu pai, ou seja, ao evento mais significativo, à perda mais pungente da vida de um homem.”<sup>34</sup>. E quem poderá dizer que o sonho que teve na noite que se seguiu ao funeral de seu velho, no qual, na barbearia que frequentava diariamente, se deparava com uma placa com os dizeres *Pede-se que você feche os olhos*, não era uma autoconvocação para sua jornada interna? Audaiciosamente, essa interpretação talvez complemente a sua própria, compartilhada com Fliess, em que liga o texto da placa à “[...] tendência à auto-recriminação que costuma instalar-se entre os que permanecem vivos.”<sup>35</sup>. Meses depois, escreveu, preocupadíssimo com a miséria neurótica que o acometia e com o que temia ser encarado como descaso por seu correspondente:

Ainda não sei o que está acontecendo comigo. Algo proveniente das mais recônditas profundezas de minha própria neurose insurgiu contra qualquer progresso na compreensão das neuroses e, de algum modo, você foi envolvido nisso. Isso porque minha paralisia redacional me parece destinada a inibir nossa comunicação.<sup>36</sup>

Ainda não apreciava plenamente as propriedades anestésicas das garrafas de vinho para as quais passaria, logo mais, a apelar nos momentos de caos. Era hora de fechar os olhos e se escutar.

Seu processo de autoanálise foi quase completamente amparado em seus sonhos e em suas trocas, muitas vezes “não-trocas” unilaterais, com seu confrade. Foi através do conteúdo deles que suas construções teóricas sobre a deformação onírica e os trabalhos da condensação, do deslocamento e, por consequência, do Inconsciente, foram se dando em paralelo à evolução de sua conceituação da psicosexualidade. Para não ceder à tentação de explorar cada uma das inúmeras

33 MASSON, 1986, p. 203.

34 FREUD, 1908b, p. 17.

35 MASSON, 1986, p. 203.

36 *Ibid.*, p. 256.

possibilidades de enfoque que os relatos dos progressos e dificuldades encontrados por Freud oferecem, focamos agora no mês de outubro do ano de 1897, uma vez que é quando se encontram nas cartas registros de evoluções essenciais relacionadas a esse último conceito, cuja trilha aqui está sendo percorrida. A Teoria da Sedução fora reconhecida infundada, e as fantasias foram equiparadas à realidade em seus efeitos psíquicos na carta que escreveu no mês anterior. Mais avanços decisivos chegaram. Na postagem do terceiro dia desse mês, Freud relata as dificuldades de colocar no papel suas últimas elaborações, entre elas as memórias do despertar, por volta de seus dois anos e meio de idade, de sua libido por sua mãe e de seus desejos hostis e ciúmes infantis avivados pelo nascimento de seu irmão mais novo – que viria a falecer após alguns meses, dando origem a seus sentimentos de culpa e autorrecriminação. Também consta um divertido *insight* sobre seu sobrinho John, um ano mais velho, com quem teve uma relação que teria determinado “[...] não só o que há de neurótico, mas também o que há de intenso em todas as minhas amizades.”<sup>37</sup>. Nada como a autorreflexão.

Ao longo do caminho, o analisando se depara com súbitas paralisações em seus ímpetos analíticos, “[...] algo de que os pacientes tanto se queixam [...]”<sup>38</sup>. Também pudera: “Descobri, em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância [...]. Se assim for, podemos entender o poder de atração do Oedipus Rex [...]”. A passagem fala por si – faísca para o Complexo de Édipo, mais um largo passo em direção à sexualidade infantil, que lhe permitiu, como bem pontuam Goldstein e Jallinsky (1994, p. 53):

*Describir, en un primer tiempo, los procesos y organizaciones defensivas como estructurantes tróficos del psiquismo. En un segundo tiempo, analizar, exhaustivamente, las diversas variables perturbadoras tempranísimas responsables de las fijaciones defensivas patógenas y que son, a su vez, engendradoras de las desviaciones de la sexualidad.*

---

37 Ibid., p. 269.

38 Ibid., p. 271.

Em paralelo, sua clínica catalisava ainda mais sua autoanálise, corroborando suas teorias acerca da defesa em relação às lembranças sobre a masturbação infantil como geradora de sintomas neuróticos e apresentando, agora de maneira mais apreensível, indícios de que o corpo e suas zonas erógenas (aqui já, manifestamente, o ânus e a boca, além dos genitais) tinham participação fundamental na estruturação psíquica. A sexualidade ganha condição de naturalidade, inerente a todos os indivíduos desde a mais tenra idade. Seu acúmulo físico, advindo da impossibilidade de descarga “normal”, passa a ser visto como fonte de angústia e estímulo para o psiquismo, no que parece ser o embrião do conceito de pulsão, apresentado em maior profundidade em seu *As pulsões e seus destinos*, de 1915.

Aproxima-se o fim deste primeiro ciclo de desenvolvimento do nosso conceito-guia, que aqui nos propusemos a acompanhar. A noção de psicosexualidade, portanto, extrapola a mera genitalidade dominante na época, passa a contemplar as excitações de outras regiões do corpo e comprova que elas se fazem presentes e ativas desde muito mais cedo do que era confortável pensar. Em novembro, confabulava:

Devemos pressupor que, na primeira infância, a liberação da sexualidade ainda não é tão localizada quanto depois, de modo que as zonas que são abandonadas mais tarde (e talvez também toda a superfície do corpo) também provocam algo que é análogo à liberação posterior da sexualidade.<sup>39</sup>

Embora a passagem possa ser enganosa, o conceito de sexualidade infantil só seria introduzido anos depois, em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, mas a ideia que seria mais amplamente desenvolvida até lá, a saber, a da sexualidade das crianças como perversa-polimorfa, já encontra suas raízes aí, apoiada em memórias paciente e penosamente desencavadas através de seu exercício autoanalítico. Não há ilustração melhor da convicção de Sigmund Freud em sua concepção mais ampla de sexualidade, enfim parida, do que este excerto de 1899 em sua troca com seu, agora, analista:

---

39 Ibid., p. 280.

Essa chave abre muitas portas. Você sabe, por exemplo, por que X.Y. sofre de vômitos histéricos? Porque, na fantasia, ela está grávida, porque é tão insaciável que não consegue suportar ser privada de ter um bebê também de seu último amante na fantasia. [...] Você sabe por que nosso amigo E., a quem você conhece, enrubesce e transpira[...]? Ele fica com vergonha [...] De uma fantasia em que aparece como deflorador de todas as pessoas que encontra. Transpira enquanto deflora [...]”<sup>40</sup>

Se poderia seguir com outros exemplos, mas faltariam ainda mais páginas. Fica claro que ele aí já está de posse também de uma parcela relevante de seus conhecimentos sobre o modelo de aparelho psíquico que seria introduzido no Capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* ali adiante. Meses antes dessa publicação, exclamou: “Há toda sorte de coisinhas proliferando; o sonho e a histeria se encaixam com perfeição cada vez maior.”<sup>41</sup> A pedra de toque era o (seu) Inconsciente.

## CAPÍTULO VI - EPÍLOGO II

*“Que coincidência é o amor”*

(Cazuza, Codinome Beija-Flor)

VIENA, junho de 1938:

Era hora de partir, estava claro. Sua nem sempre benquista Viena, agora invadida pelo regime nazista, não existia mais. Sentiria falta do apartamento. Queria suas antiguidades e sua escrivãzinha em Londres com ele. O divã era indispensável, por óbvio. E com as cartas de Wilhelm, o que fazer? Não gostava de assuntos inacabados como aquele. Contava com a tranquilidade de ter feito a sua parte. Disso estava certo. Sabia que teria sido em vão tentar sozinho mais uma vez. Tinha claro seu papel no que ocorreria. E que seu Inconsciente era apenas um de dois. Inconscientes criadores de caso! Era hora de partir. Foi até seu querido *Bellevue* pela última vez, enterrou cuidadosamente as cartas que nunca conseguiu queimar, e foi o que fez.

---

<sup>40</sup> Ibid., p. 346.

<sup>41</sup> Ibid., p. 295.



## REFERÊNCIAS

- AMBROS, G. Os atos da princesa. **Revista do CEPdePA**, Porto Alegre, v. 26, p. 281-286, 2019.
- ASSIS, M. **Dom Casmurro**. São Paulo: Klick, 1997.
- BREUER, J.; FREUD, S. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. *In*: FREUD, S. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 19-38. (Obras completas, 2).
- BREUER, J. (1908). Prefácio à segunda edição. *In*: FREUD, S. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 16. (Obras completas, 2).
- DIDI-HUBERMAN, G. **Invention of hysteria: Charcot and the photographic iconography of the Salpêtrière**. Cambridge: MIT Press, 2003.
- FREUD além da alma. Direção: John Huston. Los Angeles: Universal Pictures, 1962. 1 DVD (139 min.).
- FREUD, A.; BONAPARTE, M.; KRIS, E. (ed.). **Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902**. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1975.
- FREUD, S. (1875). Vienna, September 9, 1875. *In*: BOEHLICH, W. (ed.). **The letters of Sigmund Freud to Eduard Silberstein, 1871-1881**. Cambridge: The Belknap Press, 1990. p. 125-130.
- FREUD, S. (1884). Vienna, Monday, June 30, 1884. *In*: FREUD, E. (ed.). **Letters of Sigmund Freud**. London: Sigmund Freud Copyrights, 1960. p. 116-117.
- FREUD, S. (1885). Paris, November 24, 1885. *In*: FREUD, E. (ed.). **Letters of Sigmund Freud**. London: Sigmund Freud Copyrights, 1960. p. 184-187.
- FREUD, S. (1888). Histeria. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 77-94. (Edição standard brasileira, 1).

FREUD, S. (1888-9). Prefácio à tradução de *De la suggestion*, de Bernheim. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 111-121. (Edição standard brasileira, 1).

FREUD, S. (1892-94). Prefácio e notas de rodapé à tradução das conferências das terças-feiras, de Charcot. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 177-187. (Edição standard brasileira, 1).

FREUD, S. (1893a). Charcot. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 21-32. (Edição standard brasileira, 3).

FREUD, S. (1893b). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 37-47. (Edição standard brasileira, 3).

FREUD, S. (1894). As neuropsicoses de defesa. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 53-67. (Edição standard brasileira, 3).

FREUD, S. (1896a). Rascunho K. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 273-283. (Edição standard brasileira, 1).

FREUD, S. (1896b). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 165-186. (Edição standard brasileira, 3).

FREUD, S. (1896c). A etiologia da histeria. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 189-218. (Edição standard brasileira, 3).

FREUD, S. (1898). O mecanismo psíquico do esquecimento. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 277-284. (Edição standard brasileira, 3).

FREUD, S. (1899). Lembranças encobridoras. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 289-307. (Edição standard brasileira, 3).

FREUD, S. (1900). **A interpretação dos sonhos (1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Obras completas, 4).

FREUD, S. (1901). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-107. (Edição Standard Brasileira, 6).

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 14-172. (Obras completas, 6).

FREUD, S. (1905 [1901]). Análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”, 1905 [1901]). *In*: FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 174-320. (Obras completas, 6).

FREUD, S. (1906). Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. *In*: FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 349-360. (Obras completas, 6).

FREUD, S. (1908a). Prefácio à segunda edição. *In*: FREUD, S. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 17. (Obras completas, 2).

FREUD, S. (1908b). Prefácio à segunda edição. *In*: FREUD, S. **A interpretação dos sonhos (1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 16-18. (Obras completas, 4).

FREUD, S. (1913). O início do tratamento. *In*: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schre-**

ber”), **artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 164-192. (Obras completas, 10).

FREUD, S. (1914). Contribuição à história do movimento psicanalítico. *In*: FREUD, S. **Totem e tabu, contribuição** à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 246-327. (Obras completas, 11).

FREUD, S. (1915). As pulsões e seus destinos. *In*: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 14-63. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 355-455. (Edição standard brasileira, 1).

FREUD, S. (1956 [1886]). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 39-56. (Edição standard brasileira, 1).

GAY, P. **Freud**: uma vida para nosso tempo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOLDSTEIN, R. Z.; JALLINSKY, S. **La (psico)sexualidad**: recorridos conceptuales de metapsicología freudiana. Buenos Aires: Ediciones Kargieman, 1994.

JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. 1.

KRIS, E. Introduction. *In*: FREUD, A.; BONAPARTE, M.; KRIS, E. (ed.). **The origins of psycho-analysis**: letters to Wilhelm Fliess, drafts and notes: 1887-1902. New York: Basic Books, 1954. p. 1-34.

MASSON, J. M. (ed.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

QUINODOZ, J-M. **Le Freud**: guia de leitura da obra de S. Freud. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RIEFF, P. **Freud**: the mind of the moralist. Chicago: The University of Chicago Press, 1959.

RODRIGUÉ, E. **Sigmund Freud**: o século da psicanálise: 1895-1995. São Paulo: Escuta, 1995. v. 1.

SCHUR, M. **Freud**: vida e agonia: uma biografia. Rio de Janeiro: Imago, 1981. v. 1.

STEADMAN, R. **Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.